

O JEJUM

Dr. David Martyn Lloyd-Jones

Voltamo-nos agora para a consideração da terceira ilustração oferecida por nosso Senhor sobre como nos deveríamos conduzir nessa questão da retidão pessoal. Nos capítulos quarto e quinto voltaremos ao nosso estudo pormenorizado do ensino de Jesus concernente à oração, especialmente como é dado na comumente intitulada “oração do Pai Nosso”. Porém, antes disso, parece-me que deveríamos ter bem claras na mente essas três ilustrações particulares sobre a retidão pessoal.

Você deve estar lembrado de que nesta seção do Sermão do Monte nosso Senhor falava sobre a questão da retidão pessoal. Ele já havia descrito o crente em sua atitude geral em relação à vida — a sua vida mental, se assim alguém preferir chamá-la. Aqui, entretanto, estamos considerando mais de perto a conduta cristã. A declaração geral de nosso Senhor foi a seguinte: “Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai celeste” (Mateus 6:1).

Já tivemos oportunidade de salientar como nosso Senhor mostrou que nossa vida cristã pode ser dividida em três seções principais. Há aquele aspecto ou porção de nossas vidas em que fazemos o bem ao próximo — a doação de esmolas. Também há a questão de nossa relação pessoal e íntima com Deus — a nossa vida de oração. E o terceiro ponto é justamente aquele que vamos considerar nos versículos 16 a 18 — a questão da disciplina pessoal na vida espiritual do indivíduo, considerada especialmente em termos do jejum. Entretanto, é importante que entendamos que aquilo que o Senhor disse neste trecho, acerca do jejum, é igualmente aplicável à questão inteira da disciplina em nossa vida espiritual. Tenho os meus contactos pessoais com homens e mulheres; tenho os meus contactos com Deus; e também entro em contacto comigo. Por semelhante modo, podemos pensar nessa tríplice divisão em termos daquilo que faço acerca dos meus semelhantes, acerca de Deus e acerca de mim mesmo. Esta última divisão é o tema que o Senhor Jesus tomou em Suas mãos, neste breve parágrafo bíblico.

Não podemos ventilar essa declaração a respeito do jejum sem antes fazermos algumas poucas observações gerais e preliminares. Penso que todos deveríamos ficar impressionados, logo de saída, diante do fato que há uma constante necessidade de mudança de ênfase, não somente em nossa pregação do Evangelho, mas também em toda a nossa abordagem do Evangelho e em nossa maneira de pensar a respeito. Embora a verdade permaneça imutável,

não obstante, por causa de seu caráter multilateral, e porque a natureza humana é aquilo que é, em resultado do pecado, em certas épocas particulares da História da Igreja tem havido necessidade de alguma ênfase especial sobre determinados aspectos da verdade. Esse princípio pode ser detectado na própria Bíblia. Existem aqueles que gostariam que acreditássemos que houve um imenso debate, ao longo do período do Antigo Testamento, entre os sacerdotes e os profetas, ou seja, entre aqueles que frisavam as boas obras e aqueles que destacavam a fé, respectivamente. Mas a verdade, como facilmente se verifica, é que jamais houve tal conflito, jamais houve qualquer contradição dessa ordem. Houve, sim, indivíduos que emprestaram uma falsa ênfase a aspectos particulares da verdade, e isso exigiu correção. O ponto que estou salientando é que em uma época em que a ênfase sacerdotal estava em grande voga, o que se tornava especialmente necessário era a ênfase sobre o elemento profético. Mas, em outras ocasiões, quando o interesse cambava demasiadamente para o lado do elemento profético, era chegado o tempo de se reequilibrar a balança, e o povo era novamente lembrado a respeito do aspecto sacerdotal.

Vê-se a mesma coisa acontecendo nas páginas do Novo Testamento. Assim, não há qualquer contradição verdadeira entre Tiago e Paulo. Somente uma visão particularmente superficial da doutrina neotestamentária é que diz que esses dois homens se contradiziam mutuamente em seus ensinamentos. Eles não o fazem. Antes, cada um deles, em face de determinadas circunstâncias, foi impelido pelo Espírito Santo a dar determinada ênfase à verdade. Como é evidente, Tiago escrevia para pessoas que se inclinavam por dizer que enquanto estivessem confiando no Senhor Jesus Cristo tudo estaria bem com eles, não havendo necessidade alguma de se preocuparem. Isso posto, a única coisa que podia ser dita a tais indivíduos era a seguinte: "... a fé sem obras é morta" (Tiago 2:26). Todavia, se tivermos de tratar com pessoas que vivem chamando atenção para aquilo que fazem, que dão excessiva importância às obras, então será mister enfatizarmos diante delas esse notável aspecto e elemento da fé.

Neste contexto, lembro-me de tudo isso porque, particularmente para os evangélicos, toda essa questão do jejum quase desapareceu de nossa prática diária, e até mesmo do campo das nossas considerações. Com que frequência e com que extensão temos pensado a respeito disso? Que lugar o jejum ocupa em toda a nossa perspectiva da vida cristã e da disciplina nela envolvida? Sugiro que a verdade provável é que apenas mui raramente temos meditado sobre isso. Porventura já jejuamos alguma vez? Porventura já nos ocorreu pensar demoradamente sobre a questão de jejum? O fato é que toda essa questão parece haver sido inteiramente excluída de nossas vidas, e até mesmo de nosso pensamento cristão, não é verdade?

Não encontramos dificuldade alguma para descobrir a causa disso. Trata-se de uma óbvia reação contra o ensino do catolicismo romano, assim

chamado, em todas as suas variegadas formas. O ensino católico, quer da Igreja Anglicana, quer da Igreja Católica Romana, quer de outra variedade qualquer, sempre deu grande preeminência a essa questão do jejum. E a posição dos evangélicos não é algo que sobreviva por si só; pelo contrário, em adição a isso, será sempre uma reação contra as doutrinas do catolicismo. A tendência dessa reação sempre será ir longe demais. Nesta instância, por causa da falsa ênfase católica sobre o jejum, que com toda razão é repelida pelos evangélicos, tendemos por cair no extremo oposto, deixando inteiramente de lado o jejum, em nossas considerações e em nossa prática diária. Não seria esse o motivo por que a vasta maioria dos evangélicos nunca nem sequer considerou com seriedade essa questão do jejum? Tenho observado certas indicações que mostram que esse é um assunto que gradualmente começa a ser outra vez considerado entre os evangélicos. Numa época como a nossa, em que homens e mulheres estão começando a considerar com uma nova seriedade a época e o dia em que estamos vivendo, e quando muitos estão começando a aguardar o reavivamento e o despertamento espirituais, essa questão do jejum se tem tornado mais e mais importante. Mui provavelmente, você descobrirá que, gradativamente, a questão do jejum irá sendo colocada em maior evidência, e, por essa razão, é recomendável que estudemos juntos a questão. Inteiramente à parte desse fato, entretanto, esse tema figura no Sermão do Monte; e não nos assiste qualquer direito de escolher o que queremos e o que não queremos aceitar nas Escrituras Sagradas. É imprescindível que aceitemos o Sermão do Monte tal e qual ele é, e nesta passagem a questão do jejum se impõe diante de nós. Por conseguinte, cumpre-nos considerá-la.

Nesta altura de Seu sermão, nosso Senhor estava primariamente interessado por um único aspecto desse tema do jejum, a saber, a tendência de nos ocuparmos dessas diversas práticas religiosas com o único objetivo de sermos vistos pelos homens. Ele se preocupava com essa nossa tendência para o exibicionismo, e, por conseguinte, isso é algo que temos de levar em conta. Porém, sinto que, em face da negligência a que esse tema tem sido relegado, também nos é justo e proveitoso considerá-lo de maneira mais geral, antes de atingirmos o ponto particularmente enfatizado por nosso Senhor.

Abordaremos a questão da maneira que se segue. Na realidade, qual é o papel do jejum na vida do crente? Onde cabe essa prática, dentro do ensinamento bíblico? De modo geral, a resposta é a seguinte: trata-se de uma prática ensinada no Antigo Testamento. De acordo com a lei de Moisés, os filhos de Israel tinham recebido a ordem de jejuar uma vez por ano, o que era um estatuto obrigatório para aquela nação e para aquele povo, para sempre. Mais adiante, aprendemos que, devido a certas divergências nacionais, o próprio povo judeu acrescentou certos jejuns adicionais. Contudo, o único jejum diretamente ordenado por Deus foi aquele grande jejum anual. Ao chegarmos aos dias do Novo Testamento, descobrimos que os fariseus costumavam jejuar duas vezes por semana. Jamais Deus determinara tal

prática, mas eles assim faziam, e pensavam que isso fosse uma porção vital de sua vida religiosa. A tendência de certas pessoas religiosas sempre será ir além daquilo que está escrito na Bíblia; e essa era a posição dos fariseus.

Quando examinamos o ensino do Senhor Jesus, descobrimos que embora Ele nunca tivesse ensinado diretamente que alguém jejuasse, sem dúvida Ele ensinava indiretamente essa prática. Em Mateus 9, lemos que a Jesus dirigiram uma pergunta específica acerca do jejum. Perguntaram-Lhe: “Por que jejuamos nós e os fariseus [muitas vezes], e teus discípulos não jejuam? Respondeu-lhes Jesus: Podem acaso estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar” (v. 14 e 15). Parece-me que nesse trecho, de forma evidente, temos o ensino implícito sobre o jejum, e quase mesmo a sua defesa. Seja como for, o que não se pode duvidar é que Jesus nunca proibiu o jejum. De fato, no trecho que ora consideramos, a Sua aprovação ao jejum é claramente obviada. O que Ele disse foi: “Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto” (Mateus 6:17). Com base nessas palavras de Jesus, portanto, concluímos que, para Ele, o jejum nada tinha de errado e era recomendável ao povo crente. E nós mesmos estamos informados de que Ele jejuou por quarenta dias e quarenta noites, quando, no ermo, foi tentado por Satanás.

Então, passando além da doutrina e da prática de nosso Senhor, e chegando à doutrina e à prática da Igreja primitiva, descobrimos que o jejum era praticado pelos apóstolos. A Igreja de Antioquia, ao enviar Paulo e Barnabé, na primeira viagem missionária deles, só o fez depois de um período de oração e jejum. De fato, em qualquer ocasião importante, quando confrontada por alguma decisão vital, a Igreja primitiva sempre parecia entregar-se à prática da oração e do jejum, e o apóstolo Paulo, ao referir-se a si mesmo e à sua vida cristã, aludiu aos “jejuns” entre as suas práticas e aflições (ver 2 Coríntios 6:5). É patente que, para Paulo, jejuar era um aspecto regular de sua vida. Ora, aqueles que se interessam pelas questões atinentes à crítica textual deverão estar lembrados de que, no trecho de Marcos 9:29, onde nosso Senhor diz: “Esta casta não pode sair senão por meio de oração e jejum”, a verdade mais provável é que as palavras finais, “e jejum”, não deveriam constar do texto, segundo os melhores documentos e manuscritos; mas isso é bastante inconseqüente no que concerne à questão geral do jejum, pois dispomos de todas aquelas outras passagens neotestamentárias que nos mostram claramente que o jejum é reconhecido como prática correta e valiosa. E quando inquirimos a História subsequente da Igreja, descobrimos precisamente a mesma coisa. Os santos de Deus, em todas as épocas e em todos os lugares não somente têm crido no jejum, mas também o têm posto em prática. Isso ocorreu entre os reformadores protestantes, e, sem dúvida, foi observado também na vida dos irmãos Wesley e na vida de George Whitefield. Admito que eles tendiam por jejuar muito mais antes do que depois de se terem convertido; não obstante, continuaram jejuando após se

haverem convertido. E os que estão familiarizados com a vida do grande crente chinês, pastor Hsi, da China, devem estar lembrados de como o pastor Hsi, defrontado por algum problema novo e excepcionalmente difícil, invariavelmente observava um período de jejum e oração. O povo de Deus sempre sentiu que o jejum não somente é uma prática correta, mas também que ela se reveste de imenso valor, quanto aos seus efeitos, sob determinadas circunstâncias.

Portanto, se esse é o pano de fundo histórico, aproximemo-nos um pouco mais diretamente da questão, a fim de sondá-la. No que consiste, exatamente, o jejum? Qual é o seu propósito? Não se pode duvidar que, em última análise, trata-se de algo alicerçado sobre uma compreensão da relação entre o corpo e o espírito. O homem se compõe de corpo, mente e espírito, e esses elementos estão intimamente relacionados entre si, interagindo uns sobre os outros, bem de perto. Distinguimos entre esses elementos que constituem o ser humano porque são diferentes, mas não devemos separá-los, porquanto há entre eles inter-relação e interação. Não se pode duvidar que os estados e condições corporais exercem influências sobre as atividades da mente e do espírito, pelo que também essa questão do jejum deve ser levada em conta dentro dessa peculiar relação entre o corpo, a mente e o espírito. O que o jejum realmente significa, por conseguinte, é a abstinência de alimentos com vistas a propósitos espirituais. Essa é a noção bíblica do jejum, que precisa ser distinguida daquilo que é puramente físico. A noção bíblica do jejum é que, por causa de certos objetivos e razões espirituais, homens e mulheres resolvem fazer abstinência de alimentos.

Ora, esse é um ponto importantíssimo, razão por que deveríamos também colocá-lo sob forma negativa. Recentemente, eu estava lendo um artigo que abordava esse assunto e onde o autor se referia àquela declaração do apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 9:27, onde se lê: “Mas esmurro o meu corpo”. O apóstolo diz que ele fazia isso a fim de que pudesse realizar a sua obra com maior eficiência. O escritor dizia ali que isso ilustra a prática do jejum. Ora, sugiro que necessariamente esse texto nada tem a ver com o jejum. Isso é o que eu chamaria de disciplina geral do ser humano. Sempre deveríamos esmurrar o próprio corpo, mas isso não quer dizer que sempre deveríamos jejuar. O jejum, pelo contrário, é algo incomum, excepcional, algo que um homem põe em prática apenas ocasionalmente, com uma finalidade especial, ao passo que a disciplina pessoal deveria ser algo perpétuo e permanente. Por conseguinte, não posso aceitar textos como “Esmurro o meu corpo” e “Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena” (I Coríntios 9:27 e Colossenses 3:5), como se eles fizessem parte do ensino do jejum. Em outras palavras, a moderação ao comer não equivale a jejuar. A moderação ao comer faz parte da disciplina pessoal no tocante ao corpo, sendo uma excelente maneira de esmurrá-lo; mas isso não é a mesma coisa que jejuar. Jejuar é abster-se completamente de alimentos, na busca de certos alvos especiais,

como a oração, a meditação ou a busca do Senhor, devido a alguma razão peculiar, ou sob circunstâncias especiais.

Para completar a nossa definição, deveríamos acrescentar que o jejum, quando realisticamente concebido, não somente deve confinar-se à questão de alimentos sólidos e líquidos; pelo contrário, o jejum, na realidade, deveria incluir a abstinência de qualquer coisa, legítima em si mesma, tendo-se em vista algum propósito espiritual especial. Existem muitas funções corporais corretas, normais e perfeitamente legítimas, mas que, por razões peculiares e especiais, também deveriam ser submetidas a controle, em determinadas circunstâncias. Isso é jejuar. Conforme estou sugerindo, temos aqui uma espécie de definição geral do que se deveria entender por jejum.¹

Antes de pensarmos sobre as diferentes maneiras de se observar o jejum, ponderemos sobre como devemos considerar e abordar a questão inteira do jejum. Novamente, dividir o assunto é questão simples, pois, afinal de contas, há somente a maneira errada e a maneira certa de o observarmos. Sim, há certas maneiras erradas de jejuar. Eis uma delas. Se jejuarmos de maneira mecânica, ou meramente com a finalidade de jejuar, então sugiro que estaremos violando o ensino bíblico atinente à questão toda. Em outras palavras, se eu fizer do jejum uma finalidade em si mesma, algo acerca do que eu possa dizer: “Bem, agora que eu me tornei crente, terei de jejuar em tal dia e em tal época do ano, porque isso faz parte da religião cristã”, então seria melhor se eu não jejuasse. O elemento especial do jejum desaparece quando é praticado dessa maneira.

Isso é algo que não ocorre somente no caso do jejum. Porventura não vimos exatamente a mesma coisa no tocante à oração? É boa norma, quando possível, as pessoas fixarem certas ocasiões especiais para se dedicarem à oração. Porém, se eu traçar o meu programa para um determinado dia e resolver que às horas tais eu terei de orar, e então puser-me a orar somente para cumprir o programa traçado, não estarei mais orando verdadeiramente. Dá-se precisamente o mesmo na questão do jejum. Há pessoas que abordam o problema precisamente assim. Tornaram-se crentes; mas preferem agora submeter-se a alguma espécie de lei, de norma. Preferem que se lhes diga exatamente o que devem e o que não devem fazer. Em determinado dia da semana não podem comer carne, e coisas desse tipo. Isso é algo que nunca deve ser utilizado na prática cristã, a saber, não comer tal ou qual coisa em certo dia da semana ou do ano! Ou então, abster-se de alimentos, ou comer menos, em certos períodos do ano, e assim por diante. Em tudo isso oculta-se uma sutil ameaça. Qualquer coisa que fizermos somente por fazê-la, como se fosse uma rotina, certamente viola ensinamentos bíblicos importantes. Jamais deveríamos considerar o jejum como um fim em si mesmo.

¹ O dr. Lloyd-Jones foi muito feliz nessa definição de jejum, e infelizmente vemos de maneira trágica a falta desse conhecimento em nosso meio. Embora sejam atividades legítimas, gastar o seu tempo no dia do jejum diante da TV, navegando na internet, passeando no Shopping, é algo ridículo e inútil. Estaremos enganando a nós mesmos e zombando de Deus. (Nota do *Monergismo.com*)

Contudo, devemos adicionar a isso algo do que já havia ficado entendido, e que poderia ser expresso como segue: Jamais deveríamos considerar o jejum como parte integrante da disciplina pessoal. Algumas pessoas afirmam que é excelente a prática de não se comer certas coisas em determinados dias da semana, ou então que, em dados períodos do ano, nos deveríamos abster de certas coisas. Dizem elas que isso é excelente do ponto de vista da disciplina pessoal. Na verdade, a disciplina é algo que deve ser permanente, é algo que deve ser perpétuo. Sempre deveríamos estar exercendo disciplina quanto a nós mesmos. Quanto a isso, não pode haver contestação. Sempre deveríamos refrear os nossos corpos, sempre deveríamos segurar com firmeza as rédeas que nos controlam a vida diária, sempre deveríamos sujeitar-nos à disciplina, em todas as facetas da vida. Portanto, é um erro grave reduzir-se o jejum meramente a uma parcela do processo da disciplina pessoal. Pelo contrário, a disciplina é algo para o que eu deveria apelar a fim de atingir aquele terreno espiritual mais elevado das orações dirigidas a Deus, ou da meditação ou da intercessão intensa. E isso situa o jejum dentro de uma categoria inteiramente diferente da disciplina pessoal.

Uma outra forma de se entender erroneamente o jejum pode ser descrita como segue. Existem algumas pessoas que jejuam porque esperam resultados diretos e imediatos do jejum. Em outras palavras, consideram o jejum como uma espécie de aparelho mecânico; por falta de melhor ilustração, elas têm um ponto de vista do jejum que tenho chamado de “moeda na fenda”. Alguém mete uma moeda na fenda de um aparelho qualquer, puxa a manivela, e obtém um resultado imediato. Para muitos essa é a perspectiva do jejum. Se alguém quiser auferir certos benefícios, dizem elas, então que jejue; se alguém jejuar, receberá benefícios imediatos. Essa atitude, todavia, não se limita à questão do jejum. Já vimos que há muitos indivíduos que encaram a oração por esse prisma. Lêem relatos de como certos indivíduos, em determinadas oportunidades, resolveram ter vigílias de uma noite inteira dedicada à oração, como vararam a noite em oração e como, em resultado disso, teve início um reavivamento religioso. E assim decidem que também passarão uma noite de vigília, esperando obter resultados idênticos. “Visto que já oramos, forçosamente terá de ocorrer um reavivamento”, dizem os tais. E essas idéias também podem ser encontradas em conexão com os movimentos de “santidade”. Há quem diga que se ao menos obedecermos a certas condições, obteremos uma bênção, com resultados imediatos e diretos. Ora, jamais encontrei qualquer coisa parecida com isso nas Escrituras, em conexão com o jejum ou com qualquer outra prática. Jamais deveríamos jejuar em busca de resultados diretos e imediatos.

Quero expressar o problema em termos ainda mais incisivos do que isso. Há pessoas que advogam o jejum como uma das melhores maneiras ou métodos de se obter bênçãos da parte de Deus. Uma porção de recente literatura parece culpada dessa distorção. Algumas pessoas têm escrito acontecimentos notáveis sobre suas vidas, e então testificam: “A minha vida

cristã sempre me pareceu vinculada a fracassos e derrotas, e nunca me senti verdadeiramente feliz. Minha vida parecia uma série de altos e baixos. Eu já era crente, mas parecia-me não ter recebido certas coisas que outras pessoas, a quem eu conhecia, possuíam. E isso se prolongou durante vários anos. Eu já havia freqüentado todas as convenções, eu já lera os livros recomendados mas jamais recebera a grande bênção. Então aconteceu-me encontrar o ensino que enfatiza a importância do jejum; e jejei, e recebi a bênção”. E então, a exortação é: “Se você quer uma bênção, então jeje”. Isso me parece uma doutrina extremamente perigosa. Nunca deveríamos falar desse modo, no que tange à vida espiritual. As bênções celestiais jamais se tornam automáticas. No momento em que começarmos a dizer, “Porquanto faço isto, obtenho aquilo”, isso significará que teremos começado a controlar a bênção divina. Isso é um insulto a Deus, violando a grande doutrina de Sua soberania final. Não, jamais deveríamos defender a prática do jejum como um meio de se receber alguma bênção.

Consideremos uma outra ilustração acerca desse ponto. Tomemos a questão dos dízimos, por exemplo. Esse é um outro assunto que também está voltando à proeminência. Ora, existem certas bases bíblicas excelentes para a prática dos dízimos. Entretanto, há muitos que tendem por ensinar essa questão dos dízimos conforme os seguintes moldes. Alguém escreve uma narrativa sobre a sua vida. Novamente, assevera que sua vida era insatisfatória. As coisas não iam bem com ele; de fato, estava enfrentando desastres financeiros em seus negócios. Mas eis que descobriu a doutrina bíblica do dízimo, e começou a dar os seus dízimos. Imediatamente, profunda alegria invadiu-lhe a alma. Não somente isso, entretanto, mas seus negócios também começaram a melhorar e a obter sucesso. Já li livros que chegam a dizer ousadamente o seguinte: “Se você realmente quer ser próspero, comece a dar os seus dízimos”. Vale dizer: “Pague os seus dízimos, e o resultado benéfico será inevitável. Se você quiser receber uma bênção, então comece a ser dizimista”. É precisamente a mesma coisa que se verifica no caso do jejum. Todos os ensinamentos dessa categoria são inteiramente antibíblicos. De fato, tais ensinamentos são piores ainda do que isso, pois detratam da glória e da majestade do próprio Deus. Por conseguinte, jamais deveríamos aceitar, praticar ou advogar a prática do jejum como um método ou como um meio para se obter diretamente qualquer bênção.

O valor do jejum é indireto, e não direto.

A última coisa que precisamos considerar sob esse título é que, conforme é lógico, devemos usar de grande cautela para não confundir aquilo que é físico com aquilo que é espiritual. Por enquanto, não podemos ventilar plenamente essa questão; mas, tendo lido algumas narrativas sobre pessoas que têm posto em prática o jejum, penso que elas cruzaram a fronteira do físico para o espiritual. Elas descrevem como, após o mal-estar físico inicial, durante os três ou quatro primeiros dias, e especialmente após o quinto dia,

houve um período de notável clareza mental. E algumas vezes essas pessoas descrevem tais sensações como se elas fossem de natureza inteiramente espiritual. Ora, não posso provar que isso não é espiritual; mas posso afirmar com segurança: pessoas que não são crentes, mas que experimentam períodos similares de abstinência de alimentos, invariavelmente testificam sobre resultados idênticos. Não se pode duvidar que o jejum, em um nível puramente físico e corporal, é algo excelente para nossa estrutura física, contanto que realizado de modo apropriado. Também não há que duvidar que um de seus resultados é uma maior perceptibilidade mental, uma maior clareza no entendimento. Não obstante, sempre devemos ter o máximo cuidado para não atribuímos ao espiritual aquilo que pode ser explicado adequadamente por fatores físicos. Uma vez mais, temos nisso um profundo princípio geral. Isso é o que deveríamos replicar àqueles que afirmam estar envolvida alguma questão de fé ou de santidade, como também àqueles que anseiam por asseverar que se trata de algum fenômeno miraculoso, quando não há certeza absoluta a esse respeito. Prejudicamos a causa de Cristo ao atribuímos a fatores miraculosos alguma coisa que pode ser explicada segundo um nível totalmente natural. Idêntico perigo se manifesta nessa questão do jejum — o perigo de confundirmos o espiritual com o físico.

Portanto, tendo considerado algumas maneiras erradas de se encarar a questão do jejum, examinemos agora a maneira certa. Já tive ocasião de sugerir-la. O jejum sempre deveria ser conceituado como um meio para se chegar a um fim, e não como um fim em si mesmo. O jejum só deveria ser praticado quando alguém se sentisse impelido ou fosse levado a isso por razões estritamente espirituais. O jejum não deve ser posto em prática somente porque algum segmento da igreja decretou essa prática às sextas-feiras, ou durante o período da Quaresma, ou durante qualquer outra época do ano. Não devemos jejuar mecanicamente. Antes, precisamos disciplinar nossas vidas. Deveríamos praticar esses preceitos religiosos o tempo todo, e não apenas em períodos prefixados. É mister que eu me discipline o tempo todo, mas devo jejuar somente quando sentir que estou sendo levado a isso pelo Espírito de Deus, quando eu tiver por objetivo algum elevado propósito espiritual. Jamais devo jejuar em harmonia com alguma regra ou norma, e, sim, porque sinto que há alguma necessidade peculiar de uma inteira concentração da inteireza do meu ser em Deus e na minha adoração a Ele. Então terá chegado, de fato, a oportunidade de jejuar, e essa é a maneira certa de abordar a questão.

Mas, voltemos nossa atenção para outro aspecto da questão. Tendo considerado o assunto em geral, passemos a considerá-lo na maneira como deve ser feito. A maneira errada é de chamar atenção ao fato que estamos jejuando. “Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas: porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam.” Naturalmente, quando eles jejuaram dessa forma as pessoas perceberam que eles estavam observando um período de jejum. Eles não

lavaram os rostos, nem ungiram as suas cabeças. Alguns deles foram além desses fatos: eles desfiguraram seus rostos e colocaram cinzas sobre as cabeças. Queriam chamar atenção ao fato que estavam jejuando, por isso mantiveram a aparência de miseráveis, infelizes, e todos os que os olharam, disseram: “Ah! Ele está observando um período de jejum. Ele é uma pessoa de uma espiritualidade fora do comum. Olhe para ele, olhe o que ele está sacrificando e sofrendo por causa da sua devoção a Deus.” Nosso Senhor condena aquela atitude total e completamente. Qualquer pronunciamento do fato do que estamos fazendo, ou o chamar atenção para o mesmo, é algo que é inteiramente repreensível por Ele, como o foi no caso da oração e no ato de dar esmolas. É exatamente o mesmo princípio. Você não deve soar a trombeta proclamando as coisas que você irá fazer. Você não deve pôr-se de pé nas esquinas das ruas ou em lugares proeminentes na sinagoga quando você for orar. E, da mesma maneira, você não deve chamar atenção ao fato que está jejuando.

Entretanto, não devemos pensar somente na questão do jejum. Parece-me que esse é um princípio que cobre todos os ângulos de nossa vida cristã. Ele condena, igualmente, a questão da aparência piedosa proposital, a adoção de atitudes religiosas que dêem na vista. É patético observar-se como, às vezes, algumas pessoas caem nesse erro até mesmo ao entoarem hinos — erguem um pouco o rosto, em certos trechos, ou se põem nas pontas dos pés. Todas as atitudes assim são afetadas, e é quando as nossas atitudes são assim hipócritas que se tornam tão lamentáveis.

Por esta altura da exposição, posso formular uma pergunta, para a sua consideração e seu interesse? Dentro de todo esse assunto, onde cabe toda a questão das vestes do crente? Para mim, esse é um dos problemas mais atordoantes e causadores de perplexidade em relação à nossa vida cristã, pois eu mesmo vacilo entre duas opiniões óbvias. Há muita coisa em mim que não somente compreende, mas que também aprecia a prática dos primeiros “Quakers”, os quais costumavam trajar-se de maneira diferente das demais pessoas. A idéia deles era demonstrar a diferença que há entre crentes e incrédulos, entre a Igreja e o mundo — “precisamos dar uma impressão diferente”, disseram eles. Ora, diante disso, em todo crente deve haver algo que, de todo o coração, aprove tal prática com um “amém”. Sinto-me incapaz de entender o crente que queira parecer-se com um indivíduo típico, comum e mundano, em sua aparência externa, em suas vestes ou em qualquer outro particular — a loquacidade, a vulgaridade e a sensualidade. Crente nenhum deveria assemelhar-se a isso. Por conseguinte, existe algo de perfeitamente natural nessa reação do crente contra a aparência mundana e no seu desejo de ser diferente.

Infelizmente, porém, esse não é o único aspecto da questão. O outro aspecto é que necessariamente não expressa uma verdade o dito que “a roupa faz o monge”. A maneira de trajar-se revela quem a pessoa é, mas somente até

certo ponto, e não completamente. Os fariseus vestiam roupas de talho particular — “pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas” (Mateus 23:5) — mas isso em nada garantia a verdadeira retidão pessoal. Na realidade, a Bíblia ensina que, em última análise, não é assim que o crente se diferencia do incrédulo. Parece-me que é aquilo que eu *sou* que demonstra essa diferença. Se eu mesmo sou correto, em meu homem interior, tudo o mais seguir-se-á naturalmente. Portanto, não convém que eu proclame que sou crente vestindo-me de maneira diferente, e, sim, demonstrando aquilo que sou. Contudo, ponderemos. Temos aqui uma questão assaz, fascinante e atrativa. Penso que o mais provável é que ambas essas afirmações exibem facetas da verdade. Por sermos crentes, todos deveríamos desejar ser diferentes das pessoas mundanas, mas, ao mesmo tempo, jamais deveríamos descer àquela posição que assevera que as vestes é que revelam o que realmente somos. Aí, pois, está a maneira errada de se observar essa questão do vestuário; e o galardão, para essa maneira errada, continua sendo o mesmo que já fora visto no caso de todos aqueles outros falsos métodos: “Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa” (Mateus 6:2). Há indivíduos que imaginam que aqueles que jejuam ostensivamente são profundamente espirituais, são excepcionalmente santos. Esses recebem seu louvor da parte dos homens, mas isso constitui toda a sua recompensa, pois Deus vê os segredos dos corações. Ele vê o coração do homem e sabe que “aquilo que é elevado entre homens, é abominação diante de Deus” (Lucas 16:15).

Qual, pois, é a maneira correta do crente jejuar? Começemos respondendo a isso negativamente. A primeira coisa é que o jejum não envolva um esforço distorcido, conforme faziam os fariseus. Por ter nosso Senhor dito: “Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto; com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e, sim, ao teu Pai em secreto”, muitos pensam que não somente não deveríamos desfigurar o rosto, mas igualmente deveríamos fazer todo o possível para ocultar que estamos jejuando, e até mesmo para darmos a impressão contrária.² Tal opinião, entretanto, envolve um total mal-entendido. Nada havia de excepcional em se lavar o rosto ou em ungir os cabelos. Essa era a maneira usual e normal de se proceder. O que nosso senhor quis dizer, pois, é o seguinte: “Quando você jejuar, faça-o de maneira natural”.

Poderíamos aplicar essa recomendação como segue. Há pessoas que de tal maneira temem parecer mesquinhas, ou que temem ser consideradas tolas, porquanto são crentes, que se inclinam para o extremo oposto. No entanto, asseveram que devemos dar a impressão que ser crente é ser feliz e cheio de vida. E assim, longe de nos mostrarmos sombrios e circunspectos quanto às

² É o que acontece infelizmente entre os evangélicos no Brasil, principalmente dentro do movimento pentecostal e neo-pentecostal. E nesses movimentos alguns vão ainda mais longe em seu delírio, afirmando que o jejum é anulado quando outra pessoa toma conhecimento do mesmo. (Nota do *Monergismo.com*)

nossas vestes, precisamos ir para o extremo oposto. Deveríamos esforçar-nos ao máximo por não parecermos andrajosos. Mas o resultado disso é que aqueles que assim agem dão tão má impressão como aqueles que são acusados de andarem vestidos fora da moda. O princípio exarado por nosso Senhor é o seguinte: “Esqueça-se inteiramente das outras pessoas”. Assim, para evitarmos parecer melancólicos, não forcemos um sorriso nos lábios. Esqueçamo-nos de nosso rosto, esqueçamo-nos de nós mesmos, esqueçamo-nos totalmente das demais pessoas. O erro mais grave é essa preocupação com a opinião alheia. Não nos importemos com a impressão que estivermos dando a outros; simplesmente olvidemo-nos de nós mesmos e dediquemo-nos inteiramente à causa de Deus. Que nossa preocupação seja somente com Deus e sobre como podemos agradá-Lo em tudo. Preocupemo-nos exclusivamente com a Sua honra e glória.

Se a nossa maior preocupação for agradecer a Deus e glorificar o Seu nome, então não encontraremos qualquer dificuldade quanto a essas outras coisas. Se um homem está vivendo inteiramente para a glória do Senhor, então ninguém precisa prescrever para ele quando deve jejuar, nem precisa prescrever para ele o tipo de roupas que deve usar, e nem precisa prescrever-lhe qualquer outra coisa. Se alguém esqueceu-se de si mesmo e se dedicou inteiramente a Deus, então o próprio Novo Testamento declara que esse alguém saberá como deve comer, beber e vestir-se, porquanto estará fazendo tudo para a glória de Deus. E graças damos a Deus, porque a recompensa dessa pessoa está garantida e assegurada, além de ser deveras poderosa — “... e teu Pai que vê em secreto, te recompensará”. A única coisa que importa é que a nossa relação com Deus esteja correta, e que o nosso objetivo seja agradar ao Senhor. Se essa for a nossa preocupação, então poderemos deixar todo o resto aos Seus cuidados. Talvez o Senhor retenha o nosso galardão durante anos; mas isso não importa. Receberemos a recompensa. As promessas divinas nunca falham. Embora o mundo jamais entenda quem somos, Deus o sabe, e, naquele grande Dia esse fato será proclamado diante do mundo inteiro. “E teu Pai que vê em secreto, te recompensará”.

Que os homens não te ouçam, não te amem e nem te louvem.

Mas, que importa isso: É o Senhor quem te aprova.

Fonte: *Estudos no Sermão do Monte*, D. Martyn Lloyd-Jones, Editora Fiel, p. 321-31.